

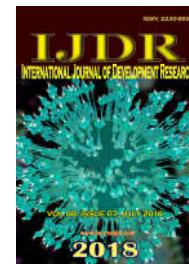


ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research
Vol. 08, Issue, 07, pp.21896-21901, July, 2018



ORIGINAL RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

TECHNOLOGY, EDUCATION AND LANGUAGE VALORIZATION: A FUNCTIONAL VIEW OF LANGUAGE TEACHING

¹Clesiane Bindaco Benevenuti, ²Carlos Henrique Medeiros de Souza, Fernanda Castro Manhães³ and ^{4,*}Fabício Moraes de Almeida

¹Doutoranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Brasil

²Doutor em Comunicação (UFRJ), Coordenador do Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Rio de Janeiro, Brasil

⁴Pedagoga, Pós-doutora (UENF) – Rio de Janeiro – Brasil

⁴Professor do Doutorado e Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (PGDRA / UNIR), Líder da linha 2, Tecnológica e Sistêmica Desenvolvimento e Pesquisador do GEITEC, Universidade Federal de Rondônia, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 27th April, 2018
Received in revised form
28th May, 2018
Accepted 20th June, 2018
Published online 30th July, 2018

Key Words:

Identity,
Communication,
Intercation,
Technology,
Knowledge.

ABSTRACT

School is a privileged space where student builds the base of education. Nowadays education is everybody's right, something that haven't always happened is looking at the educational trajectory over time. One of main foundations for building and formation of individuals is reading that is able to value different languages exist in school space, they are originating from empirical relationship between individual and the where he is inserted in, expressing – so – origin and evolution of a people's culture, in speaking or writing. National Curricular Parameters value speaking and writing learning in school because the human material is richer and mainly the most concrete material of a language and a people studying. A society identity can be studied and understood from its speakers in their real process of communication, and school is the ideal space for changing and conviviality among people, where they position critically, give different opinion and make their world knowledge deeper from a communicative context which is offered by the language, what provides knowledge coherence and buildings and more thinking, dynamic and investigative actions in a educational and worldwide scenery in constant transformation in connection with innovation and technology.

Copyright © 2018, Clesiane Bindaco Benevenuti et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Clesiane Bindaco Benevenuti, Carlos Henrique Medeiros de Souza, Fernanda Castro Manhães and Fabício Moraes de Almeida, 2018. "Technology, education and language valorization: A functional view of language teaching", *International Journal of Development Research*, 8, (07), 21896-21901.

INTRODUCTION

É fato que ninguém sabe dizer com total precisão como a fala surgiu, por ser única e complexa. Mas é de conhecimento de todos que seus primeiros registros foram detectados em desenhos e outras marcas deixadas por povos antigos, as primeiras invenções tecnológicas. Ao ser apresentado ao mundo, o ser humano precisa de se adaptar e, a língua, é um meio de conectá-lo ao mundo e a outras pessoas.

***Corresponding author: Fabício Moraes de Almeida**

⁴Professor do Doutorado e Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (PGDRA / UNIR), Líder da linha 2, Tecnológica e Sistêmica Desenvolvimento e Pesquisador do GEITEC, Universidade Federal de Rondônia, Brasil

O século XXI tem sido marcado por grandes transformações no que diz respeito à informação, a tecnologia e a inovação. É claro que a escola, ambiente socializador, não poderia ficar de fora, pois a gama de informações que circula dentro dela deve oferecer atrativos aos alunos para que esses possam assimilar e relacionar o conteúdo científico ao conhecimento empírico. A fala faz parte da humanidade, uma não existe sem a outra, pois aquela faz parte de uma construção humana e histórica com fins nela mesma, com o intuito de representar determinados grupos e membros de uma mesma comunidade, o que sugere que a fala é um produto da interação humana, sendo fundamental a qualquer indivíduo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) destacam a importância do trabalho com a

linguagem nas escolas, principalmente a linguagem oral, sendo esta prática indispensável ao ensino:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (BRASIL, 1999).

O trabalho com a oralidade envolve, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), diversificação, visto que a fala e a boa comunicação sempre foram fatores importantíssimos para a sociedade, pois tratam das relações comunicativas entre os indivíduos em seus diversos espaços comunicativos. Logo, o trabalho do professor – independente da disciplina - deve ser árduo, intenso e gratificante, afinal o principal foco do ensino deve ser o texto, a relação sócio-comunicativa, a relação entre língua/linguagens e as práticas sociais dos sujeitos envolvidos no processo. Os PCN's também propõem uma ruptura com os parâmetros tradicionais no ensino, principalmente no ensino de Língua, destacando a leitura e o processo comunicativo como primordiais para a construção do sujeito, o que significa romper com as práticas tradicionais de ensino de caráter normativo e conceitual, um olhar que transcende à norma e regras previamente estabelecidas ao longo da história educacional. Tendo em vista esses parâmetros, o corpus de estudo deste trabalho pretende evidenciar a linguagem, a língua e os produtores do discurso - que se encontram no ambiente escolar - ao lançar um olhar que excede a regras e normas, considerando-se, assim, o conhecimento prévio trazido e construído pelo falante ao longo de sua vida e formação. Para isso, alguns teóricos serão utilizados para comprovar que a língua, como estrutura maleável, deve considerar e acompanhar as diversas transformações e evoluções da sociedade, fatos que não devem ser omitidos pela escola.

Processo de construção e de valorização da educação

Por muito tempo, o Brasil busca ser uma grande potência mundial, para tanto, precisa diminuir a quantidade de pessoas analfabetas, juntamente com os que não possuem escolarização completa (Ensino Fundamental e Ensino Médio), o que acarreta em formação precária de alunos e agrava também o desenvolvimento socioeconômico do país, diante de um cenário competitivo e excludente, no qual a qualificação e a inovação falam mais alto, e a leitura – em seus diversos sentidos (de mundo, da palavra) - passa a assumir um papel cada vez mais relevante. No século XX, a educação escolar era baseada somente na leitura e na escrita, sendo o estudo privilégio de uma pequena minoria, filhos e filhas de nobres da sociedade, e a norma-culta padrão era exigência mínima para avaliar potencialidades e julgar o indivíduo como culto ou não, tornando-o membro efetivo e selecionado da sociedade ou excluído dela. Os anos de 1960 foram considerados promissores para a educação, valorizada pela Lei 4.024/61 das Diretrizes e Bases da Educação. No século XXI, as discussões sobre novas metodologias de ensino e aprendizagem, escolas contemporâneas e inovadores se intensificaram, o que trouxe à tona alguns velhos debates e inquietações: o tabu a ser superado pelos educadores em suas práticas pedagógicas e o abismo que os separa dessa realidade, isto é, o de formar e educar para a autonomia, auxiliando o aluno a “aprender a aprender” (DEMO, 2008), o que significa que “é preciso ir

além do ato de instruir e promover uma autêntica educação do caráter e do espírito (NÓVOA, 2009), tendo como base a leitura de seu próprio mundo agregada ao conhecimento de caráter científico oferecido pela escola. Saviani (2007) divide a educação em quatro períodos, sendo o primeiro representado pelo monopólio religioso da pedagogia tradicional; O segundo período traz a coexistência entre as vertentes religiosas e legais da pedagogia tradicional; Já no terceiro, há o predomínio da pedagogia nova; E, por último, a configuração da concepção pedagógica produtivista. Claro que todos os períodos foram essenciais em um determinado momento, de acordo com o contexto social de uma época. Independentes de seu tradicionalismo, foram fundamentais para que se chegasse a uma nova visão acerca da educação. Conteúdos estão disponíveis na internet, até demais, por isso o educador precisa preparar o aluno para a vida, para a pesquisa, para a autonomia. Para isso, é necessária uma revolução educacional que supra as necessidades da geração contemporânea. Nenhuma mudança surte efeito se a língua, a cultura e a origem do aluno não forem valorizadas. A fala possui uma estrutura concreta, contextual, simples e serve como fator de identificação de identidade individual e grupal. O falante, ao apropriar-se da língua, transforma-a em discurso: “A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividades comunicativas”. Para Labov (2008). Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo.

O autor compreende que o estudo da língua por meio da diversidade textual propicia ao aluno o desenvolvimento de sua capacidade cognitiva, a partir da interação aluno/aluno, aluno/texto, aluno/professor. Não se constrói um ensino eficaz e de qualidade sem levar em conta a rica bagagem trazida pelo discente de suas experiências diárias. Cada grupo possui característica e linguagem próprias que os torna únicos no meio de outros grupos também falantes de uma mesma língua, porém, com marcas, traços e peculiaridades próprias de seu grupo. Em 2010, por exemplo, os países lusófonos da Língua Portuguesa (falantes da mesma língua) criaram um acordo chamado de *Novo Acordo Ortográfico* com o intuito de unificar a língua em todos os países falantes do Português, para facilitar o intercâmbio entre eles. Quase seis anos depois, em 01 de janeiro de 2016, segundo reportagem disponibilizada no site www.observador.pt – Marisa Guião de Mendonça – diretora executiva do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), afirmou que Angola não autorizou o Novo Acordo Ortográfico a nenhum nível governamental. O motivo já era de se esperar: a criação de um vocabulário comum entre os países lusófonos.

Esse fato forçaria o uso de vocábulos não pertencentes ao povo angolano, eliminando boa parte das peculiaridades que caracterizam o português desse país africano. Angola conta com seis línguas africanas nacionais (reconhecidas), além de sua língua oficial, isto é, o português. Não valorizar seu vocabulário, cultura e colonização é desmerecer o falante da língua e impor regras e normas pertencentes a outros povos como corretas, desvalorizando e comprometendo a permanência das línguas nacionais e a diversidade linguística africana, que é a maior riqueza de um povo. O exemplo de Angola foi utilizado para afirmar a ideia de que não se pode impor normas e regras como únicas a todas as pessoas e povos.

Com a escola não pode ser diferente. Depreciar uma língua, a fala proveniente de um determinado grupo, rebaixando-a ou rotulando-a, não pode ser, em momento algum, praticadas pela equipe escolar. Escola é espaço de associar, distribuir e compartilhar saberes, logo, o contrário a isso é inadmissível. Diante do atual cenário, cada vez mais interativo e tecnológico, Travaglia (2005, p. 235-236) apresenta o professor com uma importante tarefa: de “sempre explorar a riqueza e a variedade dos recursos linguísticos (...) à consecução de um propósito comunicativo...”, dessa forma, a sociolinguística cria nos professores uma visão menos preconceituosa acerca dos processos comunicativos que circulam no espaço escolar e incentiva-os a valorizar todos os dialetos e formas de comunicação (MARTELOTTA, 2013, p. 152) que envolvem seus alunos no processo de construção do conhecimento, dentro e fora da escola.

Escola e linguagem à luz do funcionalismo linguístico

O funcionalismo tem um campo de visão mais ampliado e recorre ao contexto para explicar o que motiva as diferentes estruturas sintáticas; os textos são analisados relacionados à função que desempenham na comunicação interpessoal, sendo o processo da linguagem proveniente das necessidades e habilidades comunicativas do indivíduo na sociedade. Logo, a construção da linguagem se dá a partir da interação entre os membros de uma comunidade.

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; [...] outra secundária tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer a fala, inclusive a fonação, e é psico-física. (SAUSSURE: 2012).

Detalhando o pensamento de Saussure, é possível atestar que não é oportuno estudar a linguagem sem considerar suas diversas manifestações, o que inclui as línguas. Saussure, em seus estudos, destaca que a língua não existe sem o homem, sem o falante. A linguagem não se concretiza sem ele, sem sua história contada a partir da interação social. A língua é um produto da linguagem, e é preciso de um conjunto de convenções para que ela se realize de forma eficaz nos indivíduos.

Bakhtin e Volochinov (2006, p. 21) asseveram:

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

Acerca da complexidade do objeto de estudo que é a linguagem, Saussure destaca:

Quem se coloca diante do objeto complexo que é a linguagem, para fazer seu estudo, abordará necessariamente esse objeto por tal ou tal lado, que jamais será toda a linguagem, supondo-se que seja muito bem escolhido, e que, se não for tão bem escolhido, pode nem ser de ordem linguística ou representar, depois uma confusão inadmissível (SAUSSURE, In: BOUQUET, 2002, p. 25). Bakhtin (1992), em suas concepções sobre a

linguagem, faz duas afirmações importantes: a primeira é que a linguagem está em todos os lugares; a segunda afirmação é a de que a mesma não se limita ao estudo da língua e da “linguagem”.

Bakhtin acredita, assim como outros teóricos citados acima, que não é possível fazer um estudo linear da língua e da linguagem, isto é, não é possível um estudo dessas áreas sem considerar o movimento dialógico – responsivo – o que não é uma tarefa fácil, no entanto desafiadora para a escola moderna, pois envolve a criação arquitetada em diferentes textos e épocas. O sujeito da comunicação, a partir da interação verbal e histórico-social, constrói os sentidos através de sua relação com o outro, em uma determinada realidade da atividade humana, em que as diferentes opiniões e relações de sentido são estabelecidas.

[...] o objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico [...]. (Bakhtin, 1992).

Vista por esse lado, a linguagem torna-se um produto, uma resposta a algo, resultado de uma concreta interação entre um locutor em relação ao enunciado de outro. As vozes discursivas, que daí surgem, revelam que o interlocutor nessa situação é muito mais que um mero interlocutor imediato ou virtual. No movimento dialógico, no discurso em construção, o interlocutor é capaz de posicionar-se socialmente e opinar, são as chamadas vozes do discurso, que constroem diferentes graus de presença no enunciado, de forma implícita e/ou explícita. Moreira e Dantas (1979) entendem a língua e a linguagem como um sistema de signos verbais, assim como em outras convenções sociais, morais, religiosas, que se baseiam na língua e em outros sistemas para se constituírem. Ao longo da história da humanidade, o homem sempre teve a necessidade de expressar seus pensamentos, por isso “valendo-se da língua, mas realizando-o com a linguagem, pela e na linguagem”: linguagem verbal e não-verbal, linguagem matemática, biológica, gestual, mímica corporal. Por isso, pode-se atestar que a linguagem tem sua base na língua e dela se abastece para dar conta de um emaranhado de significados. Pelo exposto acima, é possível reconhecer que a língua é um processo de realização social, por exprimir a evolução da cultura humana, entendendo-se como cultura o conjunto de suas faculdades e aptidões. Toda classe culta de uma comunidade estabelece modelos próprios para o uso da língua e da linguagem, que obedecem a uma gramática que orienta a aplicação de regras e significados de uma determinada língua. Segundo Sapir (1971),

[...] a língua, como um sistema aberto, está exposta a mudanças, que, para serem aceitas, deverão tornar-se objeto de estudo, juntamente com os fatores que a originaram em determinada direção, sob a forma de deriva da língua. Deriva é, então, qualquer posição que uma língua toma sem que, algumas vezes, seja possível explicar, racionalmente, o motivo da mudança. Poderíamos dizer, inclusive, que na língua não há propriamente criação, mas evolução, ao se pensar em que tudo acontecido gramaticalmente ao português já estava na deriva do latim.

Diante do ensino tradicional e mecânico oferecidos pelas escolas, a fala de Sapir parece inovadora e, ao mesmo tempo, desafiadora: estudar a língua em seu processo de “evolução”, juntamente com a linguagem social. Bakhtin (1995) também considera toda interferência humana como constitutiva da linguagem, do enunciado e do texto, quando assevera que a linguagem é sempre orientada por interlocutores reais ou virtuais. Considera Bakhtin ser a palavra a mais pura representação das transformações sociais, por isso qualquer manifestação humana é linguagem. Logo, a linguagem só pode ser estudada e entendida a partir da sociedade, pois o enunciado é uma característica da situação de enunciação da qual é produzida e daí circula, formando um signo dialógico único que se manifesta de diferentes formas em cada interação.

Tendência inovadora: desafios superados?

Martelotta (2013) atesta que “O estudo da língua em situação real de comunicação e demonstrando a existência da natureza socioestrutural da linguagem é o ideal”. Infelizmente, em pleno século XXI, ainda há escolas presas ao ensino de regras. Não que ele seja errado, pelo contrário, mas o que não pode acontecer é privar o aluno do estudo da fala em suas reais situações de comunicação. A realidade hoje é outra, os desafios são outros e os alunos não são os mesmos de alguns anos atrás. Em sala de aula é fácil verificar que a maioria dos discentes faz a transposição da fala para a escrita - ao produzir um texto - e que esta não está pautada em regras e padrões gramaticais formais, os quais foram apresentados a esses alunos durante todo o seu processo escolar, com base na gramática normativa. O fato é que o ensino postulado da Língua por meio unicamente de regras e padrões gramaticais não está sendo suficiente para suprir as reais necessidades do público atual, cada vez mais exigente e modernizado. Cezário; Martelotta (1996), assim como outros teóricos como Bolinger, Hopper, Dubois, Givón, Thompson – entende a gramática como “estrutura maleável”, sempre presente nas estruturas relacionadas às necessidades do falante.

Essas pressões estão relacionadas a um complexo de interesses e necessidades discursivas/pragmáticas fundamentais que pode compreender os propósitos comunicativos do falante de ser expressivo e informativo ou o fenômeno da existência de lacunas nos paradigmas gramaticais ou no universo de conceitos abstratos. Portanto, o desenvolvimento de novas estruturas gramaticais é motivado, quer por necessidades comunicativas não preenchidas, quer pela presença de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas. (CEZÁRIO; MATELOTTA: 1996).

Ao parafrasear Sebastião Votre, Martelotta evidencia a necessidade de se fazer e de se entender a língua “... nos limites do discurso e da gramática”, o que significa que uma língua deve ser compreendida em seus sentidos mais abstratos, em suas construções de sentido, sem prender-se totalmente à fixação de regras e restrições gramaticais, priorizando – sempre – “... a criatividade do discurso”. (MARTELOTTA, 1996). A fala, uma prática tão comum no cotidiano, acaba por não ser analisada, por ser tão natural e espontânea ao homem como respirar, andar, movimentar-se. Porém, a fala não é tão comum e simples quanto parece, pois envolve diversos elementos e fatores indispensáveis à comunicação, como a tradição, a cultura e o convívio social, apesar de se tratar “de

uma função biológica inerente ao homem”. (SAPIR, 2013). O processo de aquisição da linguagem não acontece tão naturalmente como na fala. A sociedade e o convívio social são fatores determinantes ao seu processo de aquisição. “Eliminai a sociedade e não haverá dúvida em supor que ele (o homem) aprenderá a andar, dado que sobreviva de qualquer maneira. É igualmente indubitável que aprenderá a falar”. (SAPIR, 2013). Não existe fala sem meio social, um grupo social, o que a torna instintiva, ou seja, adquirida a partir do cultural, do social. A fala, portanto, passa a ser uma atividade complexa e ondeante de ajustamentos, que envolve o cérebro, o sistema nervoso, os órgãos de articulação e audição com a finalidade maior que é a comunicação de ideias.

Mas, o que é a língua? Para nós ela não se confunde com a linguagem, ela é apenas uma parte dela, essencial, é verdade. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício de tal faculdade pelos indivíduos. Considerada em sua totalidade, a linguagem é multiforme e heteróclita; cavalcando sobre diferentes domínios, ao mesmo tempo físico, fisiológico e psíquico, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, e é por isso que não sabemos como determinar sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo em si mesmo e um princípio de classificação. Uma vez que nos lhe atribuímos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. (SAUSSURE, 2012, p. 25)

Bakhtin e Volochinov (1992), sobre a linguagem, asseveram que a mesma não é e nunca será um “produto acabado”, pois se trata de um produto em construção e transformação. Pensar a língua como um “objeto” é acreditar que ela é morte e, por isso, distante de seus falantes, e que não acompanha o fluxo da comunicação verbal, deixando de ser um processo vivo e contínuo. “Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992). Diante disso, é possível entender a enunciação, o ato comunicativo – a fala e a linguagem como produto da interação entre indivíduos, a linguagem destinada, sempre, a interlocutores, sendo guiada em função do outro. É por meio da linguagem, da palavra, que a pessoa se afirma em relação ao outro, ou seja, a palavra é o produto da interação entre indivíduos, o que possibilita a criação da coletividade através da linguagem. Bakhtin e Volochinov (1992) chamam essa interação de metáfora, pois é a linguagem que define o indivíduo e o faz participar do processo coletivo de interação com o outro, em que valores sociais diferentes se entrelaçam e lutam entre si. Saussure (2012) afirmar ser a língua “o palco de fenômenos relevantes”, pois não haveria sociedade sem linguagem, sem comunicação, sem manifestações sociais para que as pessoas pudessem interagir e, assim, realizar e concretizar a manifestação e interação de diversas culturas. Por isso, Saussure (2012) salienta ter a linguagem dois lados: social e individual.

Dessarte, qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da linguística. Sempre encontraremos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas acima, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao

mesmo tempo, o objeto da linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si.

Mas, afinal, o que vem acontecendo nas escolas? Essa interação, construção e valorização da comunicação, da fala, da língua e da linguagem de fato existem? Será o ensino por regras ainda mais importante e predominante nas escolas brasileiras que a troca de conhecimento entre os alunos?

A escola inovadora, diante de tantos desafios modernos, deve considerar e analisar a linguagem de seu aluno como produto de um meio, de um grupo, de uma sociedade – juntamente com os interlocutores e a situação comunicativa - o que vai além do ensino tradicional e postulado da Língua, isto é, “A língua só é criada em vista do discurso” (SAUSSURE, In: ELG, 2002), fato que vai ao encontro da corrente funcionalista de MARTELOTTA (2013), que concebe a linguagem como instrumento de interação social. Os estudos de Martelotta (2013) consideram o momento da comunicação, os interlocutores e o diálogo estabelecido entre eles. É papel da escola e dos docentes promover essa língua rica e em constante transformação. No que se refere ao desenvolvimento do conhecimento e da tecnologia, uma pergunta torna-se inevitável: cadê a interação professor aluno, a troca de conhecimentos, a educação interativa, dinamizada, oportunizadora, reflexiva, não tradicional e mecânica? Será que, diante de tantas mudanças, a escola resolveu regredir nesse ponto e oferecer educação tradicional para seus alunos, sem considerar um ponto relevante, o tempo? Seria o método conteudista mais eficaz que o método inovador de transformação da língua por regras em uma língua ao e para o alcance de todos?

As escolas devem pensar em meios de interagir com o aluno e de valorizar sua bagagem linguística. O educando não pode sair da escola com a sensação de não ter aprendido nada, ou de não ter sido reconhecido pelo que ele é. O professor também não pode sair de sala com a sensação de que não provocou mudanças em seu aluno, de que não sabe fazer. Caso isso ocorra, é necessário que o educador repense sobre o seu fazer em sala de aula. Se o conhecimento é “compartilhado” com todos, através das redes sociais, seria a escola soberana, aquela que detém, aprisiona o conhecimento - na figura do professor - e não o compartilha? Fazenda (1995) faz uma excelente reflexão, que deve – ou deveria – estar na mente de todos os profissionais da educação: “... a cada dificuldade superada vejo que os educadores cresceram, tornando-se identidades – da descrença à crença, da impossibilidade ao possível, do virtual ao real, do sonhado ao construído” Olhar para o futuro, identificar as necessidades formativas das novas gerações, em parceria com o aluno -, num processo constante de troca de saberes – efetiva a produção do saber de forma positiva – proporcionando uma aprendizagem mais significativa e menos conteudista. Para tanto, o professor deve possuir capacidade de dialogar, criar ciência, ter consciência teórica, metodológica, empírica e prática em sua ação. O professor, segundo Demo (2008), deve ser um socializador de conhecimentos, despertar no aluno o prazer da troca, do diálogo e da reciprocidade. Sem romper com o pensamento tradicional, de que o discente é um mero aprendiz, leigo e inculto e - por isso - inferior, é fracassar enquanto educador. Já para Rocha e Perez (2017), no que tange à Educação, passou a ser possível uma nova concepção de sala de aula, inserida dentro de um ciberespaço. E dessa forma, com a inovação existe um culto a tecnologia. E o século

XXI trouxe inovação e a tecnologia, novos paradigmas e visões mais profundas e menos enraizadas às escolas. Não há como negar que as novas tecnologias e seus meios de interação promoveram uma mudança no modo de as pessoas interagirem com o mundo, fato que revolucionou e impulsionou, além de tantas outras, a forma de se ensinar em tempos de mudanças sociais e tecnológicas. Como mecanismo vivo, de evolução e transformação, a linguagem acompanhou essas mudanças e criou um universo próprio, o qual deve ser considerado e trabalhado pela escola.

Considerações finais

Portando, a linguagem é a prática social compartilhada entre pessoas, carregada de significados e signos ideológicos, concreta, viva e eficaz, o que torna seu estudo necessário e constante, devido à complexidade de se tentar contemplar sua definição, pois são muitos os pontos a serem destacados e relevados. O que se pode afirmar, com certeza, é que a linguagem sempre esteve e sempre estará viva na história da humanidade, porque sem ela não existiria humanidade. A linguagem, como constitutiva da realidade humana, deve ser apreendida a partir da observação de situações concretas de interação entre o elemento verbal e o extra-verbal, como elementos definidores da linguagem, do discurso e do enunciado. E dessa forma, pautar o ensino em regras, em certos e errados, não proporciona ao aluno condições necessárias para a transposição coerente e coesa de elementos linguísticos da oralidade para a escrita, nem de seu entendimento sobre o seu material linguístico, pois há variações polissêmicas nas práticas comunicativas que devem ser consideradas, isto é, a atitude do falante e/ou autor do texto a respeito do que é dito, considerando-se os processos de produção e significação. E por fim, com o avanço tecnológico, em tempos de informações velozes para concretização e realização dos interesses humanos, que refletem visivelmente nas escolas, é urgente pensar e realizar um espaço escolar oportunizador de troca de saberes, de conhecimentos e de informações diversas, em que o aluno é o construtor de sua própria identidade, marcada e evidenciada pela valorização da língua e das linguagens que traz consigo e a sua conexão com a inovação e a tecnologia.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. 1971. A linguagem. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- BAKHTIN, Mikhail. 1992. Os gêneros do discurso (1952-1953). In.: Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. 1997. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: 2ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- BAKHTIN, Mikhail. 2003. O discurso no romance, 1998. In: FANTI, Maria da Glória Corrêa Di. A linguagem em Bakhtin: pontos e des pontos. Juiz de Fora: Veredas.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. 2003. Estética da criação verbal. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação. Brasília, 1996.
- BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Ensino Fundamental. Ministério da

- Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1999.
- CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué. 1996. Gramaticalização no Português do Brasil. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): Rio de Janeiro.
- DEMO, Pedro. 1998. Educar pela Pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados.
- FAZENDA, Ivani. C. A. 1995. Pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas: Papirus.
- LABOV, William. 2008. Padrões Sociolinguísticos. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial.
- LUSA, Agência. 2016. “Angola não autorizou Acordo Ortográfico a nenhum nível governamental”. Lisboa. Disponível em: <http://observador.pt/2016/01/01/angola-nao-autorizou-acordo-ortografico-nenhum-nivel-governamental/>
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). 2013. Manual de Linguística. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto.
- MOREIRA, Almir; DANTAS, José Maria de Souza. 1979. Língua(gem), Literatura, Comunicação. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Revista e Atualizada.
- NÓVOA, A. 2009. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: EDUCA.
- ROCHA, B. H. R.; PEREZ, M. S. 2017. Convergência de Mídias e o Ensino de Língua adicional como negócio eletrônico: Análise do canal open English Brasil no youtube. Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 18-30, jul.-dez. 2017 – ISSN 1983-3652; DOI: 10.17851/1983-3652.10.2.18-30.
- SAPIR, Edward. 2013. A linguagem: Introdução ao estudo da fala. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva.
- SAUSSURE, F. de. 2012. Curso de Linguística Geral. 28ª. ed. São Paulo: Cultrix.
- SAVIANI, Demerval. 2007. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados.
- TRAVAGLIA, L. C. 2005. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. 10ª. ed. São Paulo: Cortez.
